

O amor dos velhos e dos novos moradores

Outro pioneiro que viu o nascimento de Ceilândia foi o ex-segurança Joaquim Bezerra, 54 anos. Paraibano, chegou ao DF em 1969 com seus pais e sete irmãos. O pai veio trabalhar da construção do Congresso Nacional. "Ele ajudou na construção do 28, que tinha esse nome devido ao número de andares", contou. Dois anos depois também deixaram o lapi para se mudar para a nova cidade. Aos 18 anos, ele conheceu Ceilândia.

O local desconhecido inspirou o jovem e rendeu versos. "Quando chegava a Ceilândia, todo esse pessoal. Parecia gado solto no meio do matagal. Era aquela correria, parecia festival. Quando o caminhão chegava, jogava tudo no chão. A mata era de fazer medo, mas ninguém temia não. De dia era debaixo de chuva e de noite escuridão", escreveu no mesmo ano em que se mudou, em 1971.

Bezerra mora até hoje no lote que a família ganhou. O barraco que foi montado naquela época continua em pé. Ao lado, eles construíram uma "casinha melhor", como ele próprio definiu. Mas o pequeno barraco de quatro cômodos, construído para abrigar dez pessoas, mantém as características originais. Tudo está do mesmo jeito, as únicas mudanças estão nos remendos em algumas tábuas de madeira colocadas para esconder as marcas do tempo. "É aqui que eu me escondo do mundo", confessou o pioneiro. Atualmente, só ele e um irmão moram no lote.

O paraibano já se considera ceilandense. "Tenho orgulho de ter passado a maior parte da minha vida aqui. Para quem viu tudo isso nascer do nada como eu vi, é um orgulho incalculável", diz.

Apesar do amor pela cidade e da satisfação de fazer parte da história de

Ceilândia, ambos demonstram desejos para que o local fique ainda melhor de viver. "Precisamos de segurança. Aqui podia ter mais praças e ginásios para a população usufruir", opina Edite. Já Bezerra mostra preocupação com a saúde pública. "Alguém tem que tomar providência para melhorar o atendimento. Levamos horas para ser atendido de emergência e exames que são pedidos com urgência não conseguimos fazer", reclama.

Recém-chegados

Quem viu a cidade nascer se deslumbra com o progresso, sem deixar de enxergar os pontos fracos. Mas há quem escolheu morar em Ceilândia com todos os defeitos que uma cidade com mais de 500 mil habitantes pode apresentar e chegou há menos de uma década. É o caso do paraense Adonísio Silveira, 82 anos, que reside há

menos de dois anos na cidade. "Tenho parentes que moram aqui, vinha sempre passar férias. Gostei e decidi vir de vez com a minha esposa", contou.

O clima quente do norte do País e a tranquilidade da cidade comparada a Belém foram determinantes para a mudança. "Acho aqui tudo calmo, gosto muito de morar aqui. Escolhi Ceilândia para ficar até o fim da minha vida", declara.

O jardineiro Raimundo Dias, 39 anos, também chegou há pouco. Saiu de Tocantins em busca de emprego digno. Há apenas seis anos reside em Ceilândia. "Vim para cá tentar a vida. Gostei do lugar e escolhi viver aqui. Acho que estou aqui há muito tempo já, não me considero novato na Ceilândia. É violenta para quem procura violência. Desde que cheguei nunca aconteceu nada comigo. Pretendo ficar por aqui mesmo", completa.